

TEXTOS TELEVISIVOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A COPA DO MUNDO DE 2002

Wellington Araújo Silva

Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e da Faculdade Social da Bahia (FSBA). Mestre em Engenharia de Produção/Mídia e Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina.
welingtonaraujo@uol.com.br

Recebido em Janeiro de 2005 e Aceito em setembro de 2005

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal descrever a prática de dois professores de educação física frente aos textos televisivos referentes à Copa do Mundo de 2002. Infere-se que os professores de educação física utilizam os textos midiáticos televisivos como um elemento a mais da sua prática pedagógica, porém, sem a necessária reflexão e aprofundamento dos elementos que o compõem. Diante disso, recomenda-se que os cursos de formação inicial e continuada de professores de educação física tratem dos aspectos comunicacionais midiáticos e que ocorram diálogos permanentes com outros campos do conhecimento que tenham aproximação com o campo midiático. Pesquisas do tipo participante e grupos de estudos devem ser estimulados.

Palavras-chave: prática pedagógica; educação física; discurso midiático.

TELEVISIVE TEXTS IN PHYSICAL EDUCATION CLASSROOMS: 2002, THE WORLD CUP.

ABSTRACT

This work has as its main target, to describe the practice of two physical education teachers in face of televisive texts concerning to 2002, World Cup. We conclude that the physical education teachers utilize the television communication means texts as one more element of their pedagogical practice, but without the necessary reflection and deepening of the elements that constitute them. In face of this we recommend that the course of initial and continuous formation of physical education teachers treat the related to communication means aspects and occur permanent dialogues with other fields of knowledge that have approximation with related communication means fields. It must be stimulated researches of participative type and studies assemblies.

Key-words: pedagogical practice; physical education; communication means speech

TEXTOS TELEVISIVOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: A COPA DO MUNDO DE 2002

1. INTRODUÇÃO

O discurso midiático enquanto elemento de reflexão por parte da Educação Física não é novidade. Os trabalhos dos professores Betti (1998) e Pires (2002) vêm ratificar a importância que tal eixo temático assume atualmente na Educação Física.

Não obstante, algumas lacunas são apontadas pelo professor Feres Neto (2000) em documento, onde o autor analisa as ações do Grupo de Trabalho Temático Educação Física/Comunicação e Mídia, do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte – CBCE, no biênio 99/01, identificando que uma das principais lacunas é a falta de estudos na área que desenvolvam elementos teóricos norteadores do que denomina de “educação para a mídia”.

O preenchimento da lacuna existente em torno do campo da Educação Física escolar, no tocante à interpretação dos textos televisivos como um dos possíveis tratos metodológicos desenvolvidos pelo professor na busca do aluno/telespectador crítico e reflexivo implica no desenvolvimento de práticas pedagógicas interdisciplinares, que dialoguem com outros campos de conhecimento como, por exemplo, o próprio campo da comunicação.

Diante do exposto, o presente trabalho buscou reconhecer, na Educação Física escolar, um campo específico de estudo e pesquisa da mídia esportiva como elemento alimentador da práxis docente crítica e reflexiva, tomando como base a análise e descrição da prática pedagógica de dois professores, quando da utilização do tema “Copa do Mundo” no processo de ensino da Educação Física em uma escola na cidade de Salvador, Bahia.

2. ESCOLA: ESPAÇO DE COMUNICAÇÃO E DEBATE

Devido ao processo de desenvolvimento tecnológico, que tem proporcionado a invasão de diferentes mídias no cotidiano da população de uma forma geral e, mais especificamente, no cotidiano das crianças e dos adolescentes, muitos estudiosos têm desenvolvido teorias sobre esse fenômeno da chamada “sociedade digital”, “ciberespaço”, “sociedade da informação” e várias outras terminologias que são utilizadas para explicar esta nova realidade, mediada pelos mais diferentes meios de comunicação.

Apesar disso, o tema das tecnologias comunicacionais tem ocupado muito pouco a agenda de debates das escolas brasileiras, apesar de estarem presentes como instrumentos potencializadores do processo de ensino e de aprendizagem dos conteúdos escolares. “Algumas instituições [...] têm incorporado em seu contexto meios de comunicação, entendidos como *recursos facilitadores do trabalho docente*. Acreditam, assim, que, com a utilização de linguagens audiovisuais, o aluno não encontrará tanta diferença entre a escola e a sociedade” (PORTO, 1998, p. 25).

Com isso, a escola considera estar preparando os alunos para o século que se inicia, marcado pela presença maciça dos meios de comunicação e pelo avanço tecnológico. É como se a tecnologia por si só fosse dotada de dispositivos que

assegurassem a apreensão dos conhecimentos necessários à futura ação dos alunos e que o desenvolvimento de destrezas específicas (utilizar o computador, por exemplo), fosse o suficiente para a inserção do jovem estudante em um mundo mediado pelas mutantes tecnologias. É necessário lembrar que “*formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas*” (FREIRE, 1996, p. 15) ou, conforme Orozco Gómez, citado por Citelli (2000b, p. 23),

Não adianta a tecnologia reforçar o processo educativo tradicional. É preciso, antes de mais nada, repensar a educação. Repensar a educação é repensá-la a partir dos próprios educandos e, a partir daí, pensar um novo desenho do processo educativo, ver o replanejamento desse processo e verificar para que pode servir a tecnologia.

No entender de Porto (2000), as escolas, em sua maioria, não estão preparadas para trabalhar com os jovens que hoje sofrem influências diversas através dos meios de comunicação, dentre os quais, a televisão, que aparece como um dos principais meios presentes no cotidiano das crianças e dos adolescentes.

Para Babin e Kouloumdjian, citado por Porto (2000, p. 46), “os jovens, frente à realidade tecnológica, têm novos modos de compreender e de se envolver com as questões atuais. Os adolescentes de hoje já nasceram sob a influência dos meios de comunicação e, conseqüentemente, já criaram outros códigos para o entendimento e envolvimento com o mundo”.

É nesse contexto que surge a figura do professor dialógico, daquele que compreende que o seu aluno é um receptor dos meios de comunicação e que, como tal, possui saberes e competências que precisam ser trabalhadas. “O reconhecimento desse espaço público de mediação que cabe à escola e aos *media* resgata-os como agentes construtores da subjetividade, de novas formas de construção da cidadania”. (SOUZA, 1999, p. 24) e chamam para novas responsabilidades pedagógicas: a de construção de um mundo povoado por seres emancipados.

A escola pública, enquanto espaço público do debate, do diálogo, não pode ficar alheia a este momento de transformações tecnológicas por que se está passando e que, indubitavelmente afeta as formas de “*sentir, pensar e agir*”. Ela não pode se omitir ante “... as barbaridades deseducativas e deformativas que, por exemplo, os meios de comunicação exercem sobre os jovens e os cidadãos de modo geral” (GOERSEN, 2001, p. 82). Jovens e cidadãos, que estão no interior das escolas e que querem ser ouvidos, querem opinar sobre os diversos aspectos que rodeiam o seu cotidiano, povoado por mensagens televisivas estereotipadas, as quais necessitam ser tematizadas e mediadas, pois a escola precisa ocupar este espaço do debate, do confronto de idéias, da pluralidade de pensamentos.

Portanto, acreditando na escola como um espaço público do debate, tem-se a convicção de que uma outra escola é necessária: uma escola que se reconheça como uma das instituições sociais que aglutinam diferentes pensamentos e que, por conta disso, assume para si, “a posição de defesa de um projeto emancipador, legitimado na dialógica intersubjetiva” (GOERSEN, 2001, p. 90), envolvendo educador e educando em uma relação onde a pedagogia tradicional seja substituída por uma pedagogia da comunicação.

3. A PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO

A Pedagogia da Comunicação, teoria que vem sendo desenvolvida principalmente por Gutiérrez (1984, 1993), Fusari (1990), Penteado (1991) e Porto (1996a), apresenta-se como um importante referencial na abordagem e no tratamento do tema em questão, pois ela se “preocupa com os ‘desejos’ dos sujeitos, desejos de ser, de viver, de construir e de saber, visto que os conhecimentos adquiridos pelas necessidades são substanciais e geradores de novos conhecimentos” (PORTO, 1998, p. 32).

A Pedagogia da Comunicação considera as diferentes mídias como elementos que contribuem para o desenvolvimento da prática da liberdade e faz da realidade algo próximo do educando. As atividades presentes na Pedagogia da Comunicação estimulam a criatividade do educando, desenvolvem a curiosidade, despertando-o para o entendimento da realidade.

Na referida pedagogia, os conhecimentos e a metodologia surgem a partir da dialogicidade do professor-comunicador com os alunos, destes entre si, e de ambos com os meios de comunicação disponíveis ao aluno em sua casa e no espaço escolar. Numa pedagogia concebida para trabalhar em perspectiva de comunicação democrática, os meios de comunicação fazem parte do currículo, pois a escola aproveita as experiências dos alunos adquiridas a partir do contato com estes meios, com os amigos e com a família. Os alunos trazem para a escola culturas, valores, conhecimentos e atitudes adquiridos nesses contatos (PORTO, 1998, p. 33).

Ainda segundo Porto (1998, p. 29), a referida Pedagogia “não é uma pedagogia sobre os meios de comunicação. É uma pedagogia que estabelece comunicação escolar com os conhecimentos, com os sujeitos, considerando os meios de comunicação. *Dialoga-se com os meios e suas linguagens, em vez de falar dos meios*”.

A Pedagogia da Comunicação na sua essência considera como elementos importantes os seguintes pontos:

- a) a importância do prazer, da fruição e do envolvimento emocional na aprendizagem;
- b) os envolventes valores, modelos de conduta, carga artística que o espetáculo televisual apresenta, especialmente aos adolescentes, que vivem inúmeros problemas existenciais característicos desta faixa etária na construção de sua identidade;
- c) a escola como um espaço cultural-educativo, onde tal exposição possa ser revista, examinada e reelaborada, com vistas a contribuir para a construção de conhecimentos significativos para o desenvolvimento do raciocínio e para a formação da personalidade” (GUTIERREZ, citada por PORTO, 1998, p. 47-48).

Para Penteado, citada por Meksenas (1998, p. 52), a concepção da Pedagogia da Comunicação implica outros elementos que, associados aos citados acima, apontam necessariamente para uma mudança por parte do professor e da escola como um todo. São eles:

- a) admite as diferenças culturais entre os integrantes da escola;

- b) define o espaço escolar como um local de encontro/comunicação/trocas culturais, em nome do que não se justifica o aniquilamento do saber do professor em nome do saber do aluno, e vice-versa;
- c) preconiza o espaço escolar como um local de produção de conhecimento e, portanto, de cultura, pela recuperação do papel de autores de todos os seus integrantes.

Nesses termos, a Pedagogia da Comunicação pensa as mensagens televisivas como um traço da cultura a partir do qual se constrói e se elaboram diferentes conhecimentos, entendendo que a sua utilização deve superar o uso mecânico, automático e linear característico da pedagogia tradicional.

A Pedagogia da Comunicação busca materializar um novo projeto de sociedade, onde os sujeitos, armados de espírito crítico e criativo ante às tecnologias de uma forma geral e dos textos televisivos em particular, desenvolvam capacidades mais elaboradas de ressignificar as mensagens veiculadas pelos diferentes aparatos tecnológicos.

Diante do exposto, surge uma pergunta: como o professor de educação física vem posicionando-se frente a todas estas problemáticas até aqui colocadas?

O professor de Educação Física, situado agora como um *educomunicador da Cultura Corporal de movimento*, desenvolve práticas pedagógicas que, tendo como base o processo de comunicação de uma forma geral compreende “a urgente necessidade de atuar sobre a realidade social para transformá-la, ação que é interação, comunicação, diálogo. Educador e educando, os dois seres criadores libertam-se mutuamente para chegarem a ser, ambos, criadores de novas realidades”. (FREIRE, 1996, p. 25).

Para que esta prática baseada na dialogicidade freiriana se torne realidade, necessário se faz que o professor de Educação Física esteja alerta para os acontecimentos do dia-a-dia presentes nos meios de comunicação.

Pode ser lembrado aqui, com o intuito de ilustrar o que se está defendendo, o que aconteceu após a Copa do Mundo de 1994, ocorrida nos Estados Unidos da América com os jogadores do selecionado brasileiro.

Depois de 24 anos sem conquistar um campeonato mundial de futebol, a seleção Brasileira sagrou-se campeã pela quarta vez, sendo a única a deter esta marca entre todos os selecionados mundiais. Na sua volta para o Brasil, ao descer no aeroporto do Rio de Janeiro, os jogadores tiveram de passar pela alfândega para averiguação das bagagens, ficando constatado um excesso de peso muito grande e que, por conta disso, deveriam ser taxados antes de serem liberados.

O Presidente da Confederação Brasileira de Futebol, o Sr. Ricardo Teixeira, presente na delegação, indignado com esta “*afrenta*”, ameaçou não mostrar a taça que, naquele momento, era objeto de desejo de todos os brasileiros, símbolo oficial de que, ao menos no futebol, estes eram os melhores do mundo.

O fato teve uma grande repercussão na imprensa falada e escrita e alguns questionamentos surgiram: liberam ou não o imposto? O fato dos atletas serem tetra-campeões lhes dava o direito de exigirem isenção? Todos pagam impostos no Brasil?

Esses e outros questionamentos emergiram em diferentes momentos nos noticiários da TV brasileira e o que foi feito? Este momento foi aproveitado para oportunizar aos alunos uma reflexão crítica sobre os aspectos referentes a este acontecimento? Não seria o caso de se refletir sobre este fato, trazendo para as aulas elementos que estão presentes no cotidiano, aproveitando a presença deste tema na televisão? Poderia ser solicitado aos alunos que entrevistassem os outros professores da escola, membros das suas famílias, amigos ou outros sobre este acontecimento, culminando em debates e seminários em sala de aula, na apresentação e confrontação dos diferentes pontos de vistas deste problema.

Um outro fato que serve de exemplo e que ocorreu também em uma Copa do Mundo, esta agora realizada na França, diz respeito à denúncia de jornalistas sobre a interferência da NIKE sobre a escalação da seleção brasileira de futebol.

O que está sendo feito com esses e outros elementos que permeiam o mundo – não só do futebol – mas do esporte de uma forma geral? Para Carmo (1985, p. 48), os professores de Educação Física

assistem passivamente pela televisão as violências nos campos de futebol, os subornos, os artifícios espúrios de que alguns dirigentes lançam mão para vencerem, e nem sequer aproveitam estas condições para despertar nos alunos o senso crítico, na busca dos determinantes destes fatos!

O *educador da Cultura Corporal de movimento* necessita compreender o esporte em uma perspectiva histórico-crítica, um fenômeno dialeticamente construído e que não pode ser reduzido apenas nas suas dimensões de performance. Necessita entender que o fenômeno esportivo é um fenômeno cultural e, enquanto tal, um fenômeno de comunicação, repleto de símbolos, signos, códigos, sentidos e significados.

Cabe ao professor de Educação Física, consciente do seu papel histórico frente aos determinantes sociais, a tarefa de não se constituir como um mero transmissor de informação, mas ensinar saberes sistematizados. Informar é apenas enunciar. Se esta informação não estiver contextualizada, não será possível formar o cidadão, não será possível educar para a liberdade, para a emancipação.

Com base nessa compreensão, procurou-se analisar a prática pedagógica de dois professores de educação física frente aos textos televisivos da Copa do Mundo de 2002.

4. A COPA DO MUNDO: TEXTOS TELEVISIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

De quatro em quatro anos, o Brasil se transforma em um imenso estádio de futebol. As ruas das cidades são enfeitadas, bandeiras são pintadas no chão, novas receitas são preparadas pelos restaurantes fazendo alusão ao evento e, mesmo quem durante os três anos e onze meses que antecedem à Copa do Mundo não se envolve nem um pouco com o futebol, mobiliza-se como se fanático ou fanática fosse.

A Copa do Mundo é um evento que mexe com a identidade dos brasileiros e lhes deixa verdadeiramente em transe. Durante todo o campeonato, vários são os rituais incorporados pelos anônimos torcedores em diferentes lugares do país, sendo o mais

comum o ato de vestir a camisa da seleção brasileira. As peças publicitárias são modificadas em consequência do evento e as diferentes emissoras dedicam um tempo considerável a matérias relacionadas ao “*maior*” torneio de futebol do mundo.

Com base nessas evidências, os professores de Educação Física da escola campo de pesquisa resolveram, por ocasião da Copa do Mundo realizada no Japão e na Coreia do Sul, desenvolver um trabalho onde esta temática estivesse presente.

Sensíveis aos apelos da mídia e reconhecendo a penetração que as mensagens da mesma têm nos alunos, os professores não tiveram dúvidas em flexibilizar os seus programas de ensino para tratar deste fenômeno mundial que é o futebol retratado em uma das suas competições mais significativas.

A partir de um replanejamento das atividades pedagógicas, os professores, utilizando-se de sorteios, distribuíram os países em diferentes séries, ficando cada série responsável em realizar um trabalho sobre o país sorteado.

cada série vai fazer um trabalho de acordo com aquele país. Uma quinta série trabalha o Brasil e as outras demais quintas trabalham o país que foi sorteado de acordo com a divisão que nós fizemos, pra não ficar com os mesmos países, cada série vai trabalhar da melhor maneira que convém, ou seja, buscar tudo o que se refere em relação ao país. A viabilidade de participar da Copa do Mundo, se é interessante, se existe uma projeção, se tem algum retorno financeiro, se o país realmente está oferecendo condições para que os atletas participem, se aquelas seleções têm dado retorno, todos esses pontos de vista. (Professor “B”)

Todos esses elementos citados pelo professor B, acrescidos de outros, conforme o roteiro distribuído por eles aos alunos, tais como: aspectos da qualidade de vida e saúde da população, jogadores e técnicos: destaques de cada país, número de participações e títulos conquistados, aspectos sociais, geográficos e políticos do país solicitado e vantagens e desvantagens dos países que sediam a Copa do Mundo de futebol, seriam trabalhados pelos alunos em forma de painel, com apresentação oral.

Infelizmente esta apresentação oral não foi possível, pois a categoria de professores entrou em greve. “Se não fosse essa greve, eles teriam que apresentar. Além de confeccionar o cartaz eles teriam que chegar lá na frente e falar um pouquinho de onde consultou, falar um pouquinho do país, mas não tá dando justamente por causa da greve” (Professor “A”).

Ainda assim, mesmo com o tempo suprimido, os professores, ao retornarem às aulas, levaram adiante o planejamento que tinham feito sobre o trabalho com o texto televisivo Copa do Mundo resumido nas confecções dos cartazes.

5. RANÇOS E AVANÇOS

Questionado sobre o destino que teriam aqueles cartazes, o professor “A” evidencia que os mesmos

vão ser reunidos aqui e todo ano nós temos a feira da ciência. Nós fazemos a correção dos cartazes e os mais interessantes, mais completos, mais bonitos, nós vamos expor eles na semana da ciência. Então eles vão ter a oportunidade de ver

o trabalho que eles fizeram, mas só mesmo os que se destacarem, porque são muitos e muitos até incompletos, são mal feitos, então os melhores mesmo a gente bota em exposição.

Conforme se compreende, embora o trabalho com um tema tão relevante represente um avanço no desenvolvimento das aulas de Educação Física, o depoimento do professor e os processos inerentes à própria prática pedagógica – representada na feitura dos cartazes pelos alunos – representa um ranço muito forte no âmbito da Educação Física.

Esse ranço se torna visível nas seguintes características: i) seleção dos melhores trabalhos; ii) diretividade excessiva do professor, tornando o seu papel bastante centralizador; e iii) normatização e padronização também excessiva na confecção e na apresentação dos cartazes.

Sem mencionar o questionável processo de correção pelo qual passará o cartaz, que, pelo que parece, valerá muito mais para o seu aperfeiçoamento estético, tornando-o apto a ser exposto na feira de ciências da escola – feira essa que no que é possível imaginar, pode ser representada simbolicamente como o podium (mais um ranço) – do que para o acréscimo no cabedal de conhecimento dos alunos sobre a Copa do Mundo e sobre o futebol brasileiro.

Ainda sobre os cartazes, pode-se dizer que o fato dos mesmos não terem sido apresentados por conta da greve explica, mas não justifica. Se a apresentação fazia parte do processo, por que não fazê-la em um outro momento? Quais implicações haveria para a escola e para a Educação Física o fato dos cartazes serem apresentados em um outro momento da aula? Os elementos presentes em um planejamento estão para atender apenas ao cronograma escolar ou têm uma conotação que é a de fazer com que o aluno aprenda algo sobre alguma coisa?

Um outro ponto importante a ser considerado é que, em nenhum momento das aulas observadas que antecederam o trabalho com o painel e também as aulas subsequentes, foi feita menção sobre algum aspecto referente ao tema Copa do Mundo ou sobre qualquer outro texto veiculado pela televisão que tratasse do assunto. A única menção sobre o trabalho foi feita no sentido de explicar como os alunos deveriam trabalhar o roteiro, que é levado pelo professor à sala de aula e lido com os alunos, tal como explica o Professor “B”:

Nós vamos à sala de aula, nós levamos um roteiro, esse roteiro é exatamente como eles deverão trabalhar ele define o que nós estamos tentando passar de informação pra eles. Esse trabalho é feito em sala de aula, conversado com eles. Eles lêem com o professor, procuram entender da melhor forma possível, depois nós ficamos à disposição deles pra se houver necessidade de eles nos procurarem a fim de ter maiores informações. Após isso, é que nós vamos retornar à sala de aula com o grupo para realmente ver todo esse trabalho sendo exposto pelos alunos.

Nesses termos, o trabalho acaba tendo uma característica fragmentada e estanque no interior do processo pedagógico, perdendo muito do seu valor educacional e do sentido atribuído à finalidade da organização do trabalho pedagógico.

Perde também a oportunidade de potencializar os textos esportivos presentes na televisão e instigar o senso crítico frente às mensagens esportivas, na medida em que não

discutem o esporte em geral e a Copa do Mundo especificamente a partir deles, deixando “de tomar a mídia e o discurso midiático sobre o esporte como conteúdo disciplinar” visando ao “esclarecimento e à autonomia dos sujeitos” (BITENCOURT, 2001, p. 7), utilizando-se, inclusive, dos conflitos gerados a partir dos próprios textos esportivos veiculados pela televisão. Textos que os alunos incorporam e levam para a escola como se fossem verdades absolutas.

Como a gente trabalha com Educação Física escolar, nós não trabalhamos muito dentro de regras, né? Principalmente de 5ª a 7ª série. Então a gente quer fazer um trabalho recreativo, quer fazer jogos e brincadeiras sem usar a regra e eles vendo a mídia, a televisão, eles querem tudo certinho, querem como fosse a regra do futsal. Tem que ser assim, a bola não pode passar ele não entende que a gente tá fazendo de outra forma pra que seja mais lúdico, mais animador o jogo. Eles querem tudo dentro da regra porque eles estão vendo o certo pela televisão. Então isso aí é um pouco chato pra gente, esse veiculamento da mídia. Também a violência, né? A violência nos esportes, principalmente nos campeonatos de futsal que tem aqui, eles vêem muito pela televisão, chegada dura, porrada, desonestidade isso eles aprendem rapidinho. (Professor A).

Esse relato é extremamente rico quando evidencia a influência dos textos televisivos sobre os alunos. Não uma influência tal qual defende a teoria funcionalista dos meios, mas uma influência que denota, mais uma vez, que as linguagens midiáticas circulam na escola, estão presentes nas aulas através dos alunos e que esses incorporam de alguma forma esta linguagem, inclusive na comparação sobre o que quer o professor e o que o aluno quer fazer a partir do que ele já conhece pela TV.

Para Citelli (1994, p. 21), “em uma sala de aula [ou em uma quadra de aula, acrescentamos] estão presentes muito mais do que os já conhecidos ‘materiais didáticos’. Os alunos trazem outros materiais, entre eles, os meios de comunicação de massa”.

Baccega (2002, p. 10) enfatiza a importância dada pelos alunos ao que se aprende através da televisão. Segundo a autora, “o que se aprende na televisão tem sido cada vez mais importante, para crianças e jovens, do que aquilo que se aprende na escola”.

Ainda na esteira deste raciocínio, Orózco Gómez (2001, p. 79-80) ajuda a identificar que

Agora, a última imagem está na tela e a última palavra a têm os sujeitos-audiência e seus olhos: ‘se vejo na televisão, eu creio, é verídico, se não o vejo, posso duvidar e desconfiar’. A visão, então, converte-se em legitimadora daquilo que passa por ela, sem importar se é verídico, valioso, inteligível, estruturado ou simplesmente banal, falso, manipulador ou enviesado enquanto produto necessariamente de representações. A partir da implantação da televisão, os sujeitos educandos questionam o professor, questionam seus saberes enciclopédicos esvaziados de significados, frente à proliferação da significação representacional e multicolorida do televisivo.

O saber que se queria proliferar era um saber novo, não enciclopédico, fora dos padrões trabalhados pela escola, mas ainda assim foi questionado pelo aluno quando o mesmo comparou ao que via pela TV. Se o padrão era diferente do que geralmente se trabalha na escola, ele também o era em relação ao que se via na TV.

O debate estava pronto para ser travado pelo professor e seus alunos. Mas fica evidente, na fala do professor, que o apelo do aluno era muito mais forte, ficando o

professor, portanto, submisso ao sujeito-audiência representado pelo aluno e, em última instância, refém do que os textos televisivos apresentam como certo, desconhecendo que os meios estão aí para servir ao homem e não o contrário.

Um outro ponto importante evidenciado na fala do professor diz respeito a um tema essencial na contemporaneidade e que a todo instante está presente no noticiário nacional das grandes redes – inclusive nos noticiários esportivos – e que poderia estar sendo abordado nas aulas: a violência. Inclusive utilizando as próprias imagens televisivas que podem ser gravadas em vídeo para serem posteriormente utilizadas como material pedagógico.

O tema violência não se resume apenas aos gestos de luta corporal como as que geralmente são assistidas pela televisão e que são protagonizadas pelos jogadores e torcedores; mas a todo e qualquer ato que caracterize alguma forma de violência: suborno entre dirigentes e árbitros, doping, treinamento excessivo dos atletas, entre outros.

Voltando às atividades de construção dos cartazes, embora o roteiro apresentasse diferentes elementos que deveriam ser considerados, como já exposto acima, os elementos que mais apareciam como ilustração dos mesmos diziam respeito aos aspectos técnicos e táticos da seleção sorteada. O nome dos jogadores, a escalação oficial, posições que ocupava cada jogador selecionado, seus times de origem, forma tática da seleção, a estrela do time, o nome do técnico, quantidade de vezes que determinado jogador participou de outras copas, número de títulos conquistados e, em alguns casos, todo o aparato tecnológico utilizado pela seleção nos treinamentos, bem como na confecção das camisas e chuteiras que, em tese, tinham características que possibilitavam a otimização e o rendimento de cada jogador.

Entende-se que isto se deva pela própria compreensão por parte dos alunos e alunas sobre os elementos que seriam considerados pelo professor no seu processo de avaliação dos cartazes. Se nas aulas de Educação Física são esses os elementos que constantemente são apresentados, não poderia ser diferente neste trabalho específico sobre a Copa do Mundo. O aluno apenas evidenciou aquilo que, na sua compreensão, era significativo para o professor.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenha-se percebido alguns ranços de esportivização nas atividades dos docentes pesquisados, observou-se também que os mesmos estão em busca de novas práticas, estão procurando novos sentidos e significados para o seu fazer pedagógico.

Pode-se inferir que os professores de Educação Física utilizam os textos midiáticos televisivos como um elemento a mais da sua prática pedagógica, porém, sem a necessária reflexão e aprofundamento dos elementos que a compõem.

No entanto, pode-se perceber também uma mudança de mentalidade no tratamento do ensino do esporte, extrapolando o ensino da prática, inserindo os alunos e alunas no universo da pesquisa. Indubitavelmente, os professores inovaram e, embora se entenda serem necessários alguns ajustes didáticos-pedagógicos para que esta inovação não se cristalize em mudanças apenas superficiais, são louvados os esforços dos professores em

trabalhar com um recurso pouco utilizado nas aulas de Educação Física: a mensagem esportiva televisionada.

Deve-se afirmar, também, já que “a introdução das novas tecnologias na formação humana exige um tempo de *maturação cultural* que leve a uma correspondência entre o meio, a sensibilidade dos indivíduos e as disposições culturais” (BETTI, 1998, p. 144), que os professores estão dando significativos passos rumo a esta maturação, expresso na sensibilidade de se trabalhar com temas presentes no cotidiano dos seus alunos através da mídia (TV) esportiva, embora a tônica dos aspectos didático-metodológicos não favoreça a formação do aluno/telespectador crítico e reflexivo.

Para que esta prática se torne mais comum, recomenda-se que os cursos de formação de professores de Educação Física tenham, no seu projeto político-pedagógico, disciplinas que tratem dos aspectos comunicacionais midiáticos.

Necessário se faz também, que no processo de educação continuada, nos cursos de pós-graduação – tanto *Latu* quanto *Strictu sensu* – essa discussão esteja presente.

Tanto na graduação quanto na pós-graduação, as relações interdisciplinares devem ser estimuladas. Para tanto, a abertura de um canal de diálogos permanentes com outros campos do conhecimento que tenham aproximação com o campo comunicacional são necessários. Grupos de estudos específicos, que tenham como objetivo gerar conhecimentos com vista a elaboração de abordagens didáticas-pedagógicas devem ser valorizados.

Sugerem-se novas pesquisas abordando esta temática, em que os professores sejam também pesquisadores, do tipo participante ou de intervenção (BRANDÃO, 1985), onde todos possam construir coletivamente com “alternativas didáticas para trabalhar com a cultura estudantil, marcada pelos meios de comunicação” (PORTO, 2000, p. 21).

Por fim, espera-se com este trabalho estar contribuindo para o debate pedagógico da Educação Física e sensibilizando os professores para a urgente necessidade de educar para a mídia e com a mídia.

7. REFERÊNCIAS

BACCEGA, M. A. Televisão e educação: a escola e o livro. In: *Educação & Comunicação*, São Paulo, ano 8, n. 24, p. 7-14, maio/ago. 2002.

BETTI, M. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

_____. *Mídia e educação: análise da relação dos meios de comunicação de massa com a educação física e os esportes*. 1998. Mimeo.

BITENCOURT, F. G. O campo esportivo e a mídia: a educação física em silêncio. *Anais do XII CONBRACE/ Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*. Caxambu, MG: CD-ROM, 2001.

BRANDÃO, C. R. (Org). *Repensando a pesquisa participante*. 2. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1985

CARMO, A. A. do. *Educação Física: competência técnica e consciência política em busca de um movimento simétrico*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

CITELLI, A. A circulação dos textos na escola: mediações dos veículos de massa. *Comunicação e Educação*, São Paulo, SP, n. 1, p. 44-60, set/dez, 1994.

_____. (Coord.), *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e tv, rádio, jogos, informática*. São Paulo: Cortez, 2000.

FERES NETO, A. *Sistematização da produção veiculada em 1997 e 1999, algumas implicações político-pedagógicas e agenda de trabalho para o período 99/01*. Educação Física/Esporte, Comunicação e Mídia. Documento de avaliação e agendamento, 2000.

FERRÉS, J. *Televisão e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUSARI, M. F. de R. *Meios de comunicação na formação de professores: televisão e vídeo em questão*. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da USP, São Paulo 1990, 110p.

GOERGEN, P. *Pós-modernidade, ética e educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

GUTIÉRREZ, F. *Educación y comunicación em el proyecto principal*. Santiago, UNESCO, 1984.

_____. *Pedagogía de la comunicación em la educación popular*. Madrid, Quinto Centenario, 1993.

MEKSENAS, P. O uso do livro didático e a pedagogia da comunicação. In PENTEADO, H. D. (Org). *Pedagogia da comunicação: teorias e práticas*. São Paulo: SP; Cortez, 1998. p. 51-75.

OROZCO GÓMEZ, G. Televisión, audiências y educación. In: TELEVISION. México: Grupo Editorial Norma, 2001. p. 66-80.

PENTEADO, H. D. *Televisão e escola: conflito ou cooperação*. São Paulo, Cortez, 1991.

PIRES, G. De L. *Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória*. Ijuí: UNIJUÍ, 2002.

PORTO, T. M. S. Educação para a mídia/pedagogia da comunicação: caminhos e desafios. In PENTEADO, H. D. *Pedagogia da comunicação: teorias e práticas*. São Paulo: SP; Cortez, 1998. p. 23-49.

_____. *A televisão na escola... afinal, que pedagogia é esta?* Araraquara, SP: JM Moderna, 2000.

_____. *Aprendizagem escolar e televisão: uma experiência com a pedagogia da comunicação em 5ª série de 1º grau.* Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 1996. 206p.

SILVA, W. A. *Televisão e educação física: parceira pedagógica ou simples veículo de massa?* In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 12., 2001, Caxambu, MG. CD-ROM.

_____. *O papel pedagógico da educação física frente ao texto televisivo da copa do mundo de 2002: um estudo de caso.* Florianópolis, 2003. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção – Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. *Teoria da comunicação: primeiras aproximações.* Revista da Faculdade Dois de Julho, Salvador, v. 1, n. 0, p. 26-45, 2º semestre de 2003.

SOUSA, M. W. de. *Comunicação e educação: entre meios e mediações.* Cadernos de pesquisa, n. 106, p. 9-25, mar. 1999.